



Uma vila, uma exposição e um projeto-outra

10/04/2024 | 22 de fevereiro de 2024 | 7 min

Artigo | Ana Elísia da Costa, docente de Arquitetura, relata o processo de elaboração de uma mostra desenvolvida coletivamente pelos estudantes da disciplina de projeto arquitetônico em diálogo com moradores da Vila Santa Terezinha

*Por Ana Elísia da Costa.

*Ilustração: *Maia Elisavete Pinheiro*, Programa de Extensão Múltiplos e Plúrios Análises, UFPA/UFRRJ

No dia 24 de fevereiro, às 10h, a sede da ONG Cirandar será palco da abertura da exposição "Aqui é um Lugar Bom de se Viver", que versa sobre a Vila Santa Terezinha ou Vila dos Papapeiros de Porto Alegre. A convite do editor deste jornal, fui desafiada a falar sobre o evento para além do que já estava em seu release. O que não coube nele, e ainda não caberá no limite deste artigo, é um universo de sensações e reflexões que emergiram dessa experiência. O desafio, portanto, é focar em um só tema. Por ser a exposição uma prática que articula extensão-ensino-pesquisa, resolvi me centrar naquilo que se refere ao ensino, destacando o fato de a exposição ser concebida e executada por estudantes da disciplina de Projeto Arquitetônico II, da Faculdade de Arquitetura da UFRGS.

Isso desde já permite levantar questionamentos. A partir de alguns deles, estruturei este artigo em perguntas e respostas como um modo de discorrer sobre a experiência.



Artigo Vila dos Papapeiros e atual Vila Santa Terezinha. Fonte: DEMHAB, 2007 (Foto: Arquivo Inventário Participativo da Vila Santa Terezinha - UFRGS)

Uma exposição é tema de "projeto de arquitetura"? Sim e não. Sim, se considerarmos que uma exposição envolve analisar um espaço preexistente e articulá-lo (ou não) com o próprio espaço expositivo. Não, se pensarmos que, além do espaço, uma exposição envolve a construção de uma narrativa que consiga "mediar" seus conteúdos junto ao público, o que requereria a atuação conjunta de outras áreas de conhecimento.

Essa atuação interdisciplinar, contudo, é uma ausência irreparável na exposição, decorrente de vários fatores. Diante disso, desde já nos desculpamos pelas naturais limitações que ela terá para comunicar e fazer refletir sobre o rico universo da Vila dos Papapeiros. Aproveitando essa ocasião, contudo, desde já fica o convite a parcerias futuras. Aliás, a "ocasião" responde a uma possível segunda pergunta.

Por que "projetar" essa exposição? É de ocasião a "urgência" de se falar sobre a vulnerabilidade das condições de morar e trabalhar da Vila, diante dos interesses políticos e econômicos obscurecidos nas propostas de "revitalização" do 4.º Distrito e de proibição de circulação de carrinhos pelas ruas da cidade.

Pela possibilidade de a exposição dar luz a isso e construir uma contranarrativa ao que se impõe, fomos mobilizados a assumi-la. Certamente, há nisso uma ingênua pretensão, mas também há uma dimensão "tática", aos moldes defendidos pelo filósofo Michel de Certeau na "guerra" das desigualdades, se aproveitamos oportunidades emergentes e urgentes para empreender pequenas ações que politizem práticas cotidianas, dando luz à sua cultura, por ser ela um instrumento para o enfrentamento de conflitos do presente e do futuro.

Foi na urgência política do agora que a exposição se converteu em tema de "projeto de arquitetura". Por outro lado, a possibilidade de pensar esse projeto como uma prática participativa e colaborativa era também uma oportunidade tática de enfrentamento da cultura tradicional do projeto de arquitetura e do seu ensino. Diante disso, aceitamos o desafio, cientes das limitações e contradições que ele sustentaria, mas também de suas potencialidades!



Protótipos de artefatos expositivos estão presentes nos bastidores da exposição, que teve como suporte artefatos feitos com "sobras" - materiais reutilizados, doados, emprestados, e, principalmente, materiais reciclados - destacando-se o uso do papelão. Foto: Arquivo Inventário Participativo da Vila Santa Terezinha - UFRGS

Como foi projetar uma exposição participativa e colaborativa? No que se refere aos conteúdos da exposição, cabe esclarecer que eles resultam da interpretação dos estudantes do conhecimento produzido por um inventário participativo, em que a própria comunidade da Vila informou e foi intérprete de suas referências culturais. Além disso, esses mesmos estudantes participaram ativamente de parte das dinâmicas coletivas do inventário: uma roda de conversas e uma oficina de fotografia.

Ao escutar histórias de catadores e caminharem e fotografarem a Vila com crianças e adolescentes que lá moram, possivelmente, eles foram atravessados por outros modos de ser-viver e por um sensível que um corpo aguçado na academia pouco vê e sente. Só a partir disso eles (re)inventaram o inventário, ou seja, buscaram sintetizar, dar sentido e facilitar interpretações dos conteúdos.

No que se refere ao projeto arquitetônico da exposição, ele foi desenvolvido coletivamente entre os estudantes e envolveu discussões constantes com as comunidades da Vila e da Cirandar. Experimentou-se um trabalho colaborativo e em constante diálogo com o Outro, buscando se distanciar do arquiteto "gênio criador solitário". Decorrente disso, o projeto não foi tomado como um produto ou um desenho que determina resultados. Flexível a um processo em construção, ele foi desobediência a programas e repertórios pré-definidos e buscou se colocar aberto a opiniões e a contínuas mudanças.

Nesse processo, as autoconstruções da Vila, com seus improvisos e materiais reciclados, foram nos ensinando repertórios-outras e um fazer "com-o-que-há" ou um fazer "muito-com-pouco". Isso, somado à nossa falta de recursos, nos permitiu experimentar o uso de materiais doados, emprestados e reciclados; a buscar a "precariedade" de alguns dos lugares da exposição; e a pensar em soluções executáveis por nós mesmos (ou com colaboradores). Buscou-se desestabilizar, assim, a estética higienista, harmônica e cara e a técnica perfeita, tão sedimentadas entre arquitetos e que restringem o seu trabalho aos que podem pagar.



Em meio às formas de expressão da Vila Santa Terezinha, ruas e calçadas são usadas como lugar de encontro e de indefinição das limites entre o espaço público e o privado (Foto: Arquivo Inventário Participativo da Vila Santa Terezinha - UFRGS)

Ao nos propormos a executar a exposição, também transgredimos o ensino tradicional do projeto que toma o desenho como um fim em si mesmo. Aqui, esse desenho foi confrontado pela imposição dos materiais disponíveis nos galpões de reciclagem e compatíveis com nossos bolsos, pelas técnicas aprendidas em oficinas de uso da madeira e do bambu, e pelas dificuldades dos nossos corpos de lidarem com ferramentas e esforços. Entre fracassos e acertos, com a colaboração entre nós e outros voluntários, surgiram improvisos e ajustes que foram acatados, dado que o projeto foi assumido como mutante.

É quais são os resultados desse processo? Aqui, a "tática" é não revelar resultados, mas te convidar a ir à exposição para conferirlos. De qualquer modo, desde uma experiência de ensino, pode-se dizer que a exposição reciclou ou reinventou alguns dos nossos modos de ver a Vila, o projeto de arquitetura e, principalmente, a nós mesmos! Esperamos que ocorra o mesmo a quem for flunar pelas salas da exposição.

Ana Elísia da Costa é arquiteta, doutora, professora do Departamento de Arquitetura da UFRGS e professora colaboradora do Programa de Pós-graduação em Arquitetura e Urbanismo da UFFEL.

As manchetes expressas neste veículo não representam obrigatoriamente o posicionamento da UFRGS como um todo.

Posts relacionados



Quarta de empreitada representa uma ferida ainda aberta na sociedade brasileira, aponta estudo

Responsável de mapa da UFRGS dimensiona a tragédia na RS e fornece informações detalhadas

Batas de barra e a valorização de um ecossistema em Tramandai

Pode a arquitetura ser poesia?

INSTAGRAM

jornal@universidadeufrgs
@jornaluniversidadefrugs

Follow

View on Instagram

REALIZAÇÃO

JORNAL DA UNIVERSIDADE

UFRGS
SECOM

UFRGS

CONTATO

Jornal da Universidade
Secretaria de Comunicação Social/UFRGS

Av. Paulo Gama, 110 | Reitoria - 8 andar | Câmpus Centro | Bairro Farroupilha | Porto Alegre | Rio Grande do Sul | CEP: 91040-960

(51) 3308.3368

jornal@ufrgs.br

